

EIXO TEMÁTICO 2 | TRABALHO, QUESTÃO SOCIAL E POLÍTICAS PÚBLICAS

TRABALHO E CAPITALISMO: a uberização como precarização na atualidade

WORK AND CAPITALISM: uberization as precariousness today

Williany Sousa Bacelar¹
Maria Clara Pereira da Silva²
Aylana Cristina Rabelo Silva³
Izamara Nunes Sousa⁴

RESUMO

Este artigo busca discutir a relação capital e trabalho, a partir de uma das suas expressões hodiernas, a uberização. Partimos do pressuposto de que o trabalho ao longo do tempo foi assumindo diversas conformações, e no capitalismo assume uma essência de exploração. Em virtude disso, a uberização torna-se uma expressão da questão social latente na contemporaneidade, relacionada a um formato de trabalho intermitente advindo de serviços prestados pelas plataformas digitais, um mecanismo da reestruturação produtiva para buscar a hegemonia do capital.

Palavras-chave: Capitalismo; Trabalho; Uberização; Precarização

ABSTRACT

This article seeks to discuss the relationship between capital and work, based on one of its current expressions, uberization. We start from the assumption that work over time has taken on different forms, and in capitalism it assumes an essence of exploitation. As a result, uberization becomes an expression of the latent social issue in contemporary times, related to an intermittent work format resulting from services provided

¹ Graduanda de Serviço Social na Faculdade Edufor, São Luís-MA, Email institucional williany.sousa.bacelar@alunoedufor.com.br

² Graduanda de Serviço Social na Faculdade Edufor, São Luís-Ma, Email institucional maria.clara.pereira.da.silva@alunoedufor.com.br

³ Assistente Social. Especialista em Saúde e Docência do Ensino Superior. Mestra em Desenvolvimento Socioespacial e Regional (UEMA). Doutoranda em Políticas Públicas (UFMA), Email institucional aylana.silva@edufor.edu.br

⁴ Assistente social. Especialista em Administração e Planejamento de Programas e Projetos Sociais- IESF/MA Mestre em Desenvolvimento Socioespacial e Regional- UEMA, Email institucional izamara.sousa@edufor.edu.br

by digital platforms, a mechanism of productive restructuring to seek the hegemony of capital.

Keywords: Capitalism; Work; Uberization; Precariousness

1 INTRODUÇÃO

Karl Marx, em sua obra "O Capital" (1867), desenvolveu uma análise profunda do capitalismo, refletindo que esse sistema econômico tende a explorar a mão de obra em busca de maximização de lucros. Segundo o filósofo e economista, a lógica do sistema capitalista é a intensa produção e reprodução da mais valia para uma maior ampliação e obtenção de lucros.

O capitalismo é um sistema econômico, político e social que transformou completamente as relações sociais e ao longo da sua inserção passou por intensas mudanças. Essas transformações refletiram de forma significativa no mundo do trabalho e esses reflexos perpassam até hoje. No entanto, essa relação entre trabalho e capital é uma discussão que não é recente, visto que dessa relação surgiram várias expressões da questão social, como concentração de renda, exploração da classe trabalhadora e que em meio às mudanças do sistema, a questão social foi sofrendo metamorfoses.

O desenvolvimento das novas tecnologias sem controle, a revolução da informática foram estratégias do capital na contemporaneidade para sair das crises que são constitutivas do modo de produção capitalista, esse intenso investimento do capital na tecnologização da ciência, cibernética foram mecanismo de dominação de busca da homogeneização do capital, em virtude disso, houve o crescimento exponencial do desemprego.

Isso não significa dizer que o desemprego seria consequência do avanço tecnológico, o leitor seria norteador para essa falsa conclusão “[...] o progresso tecnológico e o desenvolvimento das forças produtivas têm como o desemprego maciço. Isso não é verdade e o problema é muito mais complexo, porque exige considerar o nível em que se opera, numa situação determinada, a acumulação”. (Braz; Netto, 2006, p. 146).

As crises que são inerentes ao sistema econômico irão fazer com que haja uma reestruturação produtiva, que tem como intuito minimizar os prejuízos causados pelas crises periódicas e estruturais, e que vão levar a uma quantidade exorbitante de uma camada da classe trabalhadora a vivenciar uma precarização do trabalho. O aumento da precariedade que é reflexo do capitalismo na atualidade é uma discussão acerca da categoria trabalho, o

trabalhador dentro desse modo de produção capitalista é levado a vender como uma mercadoria sua força de trabalho sobre péssimas condições e dessa forma vivencia na contemporaneidade a precarização.

Este estudo analisa o processo histórico da precarização do trabalho no sistema capitalista, fundamentado em pesquisas bibliográficas, a partir de autores como Marx, Amaral, José Paulo Netto e Ricardo Antunes que buscam desenhar a conjuntura deste sistema que se faz e refaz a cada ciclo, evidenciando a complexidade do trabalho precário e o surgimento de novas expressões da Questão Social, e busca sensibilizar o leitor a ter compreensão das mais formas de precarização moderna, como por exemplo a Uberização.

2 CENTRALIDADE DO TRABALHO E AS CONFIGURAÇÕES DO CAPITALISMO

Ao analisar a categoria trabalho é necessário trazer algumas contribuições de Marx que se mostrou um grande crítico do sistema capitalista, visto que, a consolidação do sistema levou o trabalho a ter um novo sentido para o capital: de exploração. Foi através do trabalho que a humanidade se constitui como sociedade, afinal, é a partir do trabalho que o homem transforma a natureza e se transforma também.

Como atividade que visa, de uma forma ou de outra, à apropriação do que é natural, o trabalho é condição natural da existência humana, uma condição do metabolismo entre homem e natureza, independentemente de qualquer forma social. Ao contrário, trabalho que põe valor de troca, é uma forma especificamente social do trabalho. (Marx, 1974, p.148)

No entanto, à medida que avançamos na sociedade moderna capitalista, o trabalho assume uma nova forma, afastando-se do trabalho como uma atividade enriquecedora e transformadora para um modelo no qual o trabalhador muitas vezes se torna um mero executor de tarefas mecânicas. Nesse cenário, o indivíduo se torna um produtor, mas, frequentemente, não tem acesso aos frutos de seu trabalho, resultando em alienação. Ele é despojado do processo de produção e da capacidade de influenciar ou se identificar com o que produz. O que Marx vai chamar de fetichismo de mercadoria.

No mundo capitalista o conceito que Marx faz do fetichismo de mercadoria parte do ponto que o trabalho feito pelo trabalhador para a produção do produto passa a ter uma dimensão abstrata, desvinculando-se do seu trabalho, como se a mercadoria ganhasse vida

própria. Netto e Braz (2006) apresentam que o fetichismo decorre do fato de ser escondido todo o processo de trabalho na elaboração da mercadoria. Eles evidenciam que para a produção acontecer, vai se originar a divisão do trabalho.

Na ontologia do ser social o trabalho é apresentado de forma diferente, sendo uma categoria central da formação do ser social, modificando completamente as relações dos grupos primatas transformando-os para grupos que precisariam se comunicar, surgindo assim a comunicação.

No capitalismo o trabalho continua ocupando uma centralidade, entretanto, com uma nova lógica. Os atos do trabalho reverberam ainda mais o desenvolvimento do ser social que não se esgota no trabalho, quanto mais os homens se desenvolvem, mais sua racionalidade é aflorada e criam sua própria objetivação.

As transformações que ocorrem com o homem a partir do seu desenvolvimento enquanto ser social, é provocado pelo trabalho como foi mencionado e vão se complexificando, engendrando novas objetificações e dinâmicas novas, com isso, surge o pensamento religioso, linguagem, ciência, política e etc... e é desse processo que ocorre a milhares de anos que a história vai sendo desenhada, e o ser social desenvolvido. "O trabalho aparece como objetificação primária e ineliminável do ser social, a partir da qual surgem, através de mediações cada vez mais complexas, as necessidades e as possibilidades de novas objetificações" (Braz; Netto, 2007, p. 52-53).

Percebe-se que o trabalho sofre contradições ao longo do tempo, como já foi mencionado, que na sua forma primária possibilitou a sociabilidade enriqueceu e possibilitou a sua transformação e o diferenciou dos animais. Os homens são favorecidos de consciência uma vez que planejam para alcançar a suas intencionalidades.

Diz Marx (1985, p. 149-150):

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo na cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste já existiu na imaginação do trabalhador e, portanto, idealmente.

"trabalho é um ato de pôr consciente e, portanto, pressupõe um conhecimento concreto, ainda que jamais perfeito, de determinadas finalidades e de determinados meios." (Lukács, 1978, p.8). Eventualmente mesmo no trabalho mais manual, presenciamos uma clara

dimensão intelectual. O homem é o único ser capaz de realizar trabalho, porque ele tem a capacidade de planejamento.

No entanto, o que deveria ser algo mais transformador, sob o capitalismo, a força de trabalho se evidencia como uma mercadoria para reproduzir o capital, sendo um trabalho alienado, explorado e para enriquecer ainda mais os capitalistas. O que torna a dizer que nesse sistema econômico, o trabalhador se degrada, se desumaniza, se torna escravo do capital por meio do trabalho. (Marx, 2004)

Ao focalizar o trabalho na atualidade, isso nos exigirá fazer uma consideração acerca do capitalismo, a sua relação antagônica com o trabalho, e todas as transformações ao longo da história. O modo de produção capitalista está imbricado a contradição do capital x trabalho, uma vez que para haver o enriquecimento de uma, precisa haver o detrimento da outra.

A sociabilidade dentro desse modo de produção se baseia na relação de duas classes, que Marx vai se referir como burguesia, que terá os meios de produção, e que por meio deles irá adquirir a força de trabalho do proletariado. Isso significa dizer que a classe trabalhadora precisará vender o seu trabalho, pois não detém dos meios de produção para a sua sobrevivência (Marx & Engels, 1998).

O capitalismo tem como objetivo a maximização de lucro que através da mais valia, o trabalho não pago, extrai o mais valor, o excedente, nessa visão, “quanto maior a produtividade extraída da força de trabalho pelo proprietário dos meios de produção, maior será a grandeza da sua riqueza e maior será a acumulação do capital” (Oliveira, 2010, p. 3).

Ao observar a dinâmica do capitalismo, suas características e sua lógica de funcionamento, percebemos que o sistema é contraditório, e devido a essa contradição capitalista as crises ficam mais frequente, fazendo com que o sistema sofra mutações e ganhe novos direcionamentos e princípios. Podemos legitimar isso quando falamos das fases do sistema capitalista e as doutrinas econômicas que o acompanharam sua trajetória histórica.

A revolução industrial é o momento da história que o sistema capitalista é consolidado. Sendo assim, a Revolução industrial retrata a formação das relações capitalistas, que foi o ponto extremamente importante para o capital pois pode propiciar as condições de domínio do capitalismo (Oliveira, 1985, parte 1, cap. 2). Ao passar pelo capitalismo industrial tivemos o capitalismo monopolista e atualmente o financeiro, que evidenciou um novo padrão de acumulação.

Devido a todas essas transformações do modo de produção capitalista novas formas de explorações foram surgindo contribuindo para que novas expressões da questão social aparecessem, a questão social foi se metamorfoseando ganhando novas caras na contemporaneidade. O neoliberalismo teve forte implicância para as transformações da questão social, hoje vivenciamos um projeto neoliberal, uma doutrina econômica que se mostra como um mecanismo a favor do capital.

Há uma ofensiva violenta do capital contra a classe trabalhadora depois da consolidação do neoliberalismo, direcionando-os a uma precariedade através de medidas de políticas de cortes de gastos que estão sendo intensificadas pelos governos de Estado. Para Harvey (2008), o neoliberalismo deve ser compreendido como um mecanismo de reestruturação dos capitalistas diante da crise de 1970, com isso, deve-se pensar que teve uma nova configuração da classe dominante.

Vale pontuar que as investidas neoliberais vêm sendo potencializada nos últimos anos com as novas reformas trabalhistas onde se altera a consolidação das leis de trabalho (CLT), um desmonte na seguridade social, despolitizando direitos conquistados frutos de muitas mobilizações sociais. Com isso, surge novas formas de precarização do trabalho sem nenhum tipo de proteção e com salários baixos abrindo as portas para o trabalho intermitente.

Essas novas relações de trabalho decorrentes da implantação do neoliberalismo nos fazem lembrar da mais valia absoluta (tempo de trabalho prolongado) e da mais valia relativa (uso da tecnologia para reduzir o valor da força de trabalho), a vista disso, temos a superexploração do trabalhador.

Ao discutir a categoria trabalho e evidenciar o sistema capitalista, demarca-se as expressões da questão social na recente conjuntura. Expressões inerentes do atual sistema, que se exemplifica em vulnerabilidade, pobreza, riscos, miséria, e em especial o desemprego. Sendo assim a precarização, uma expressão latente na reestruturação produtiva do trabalho. Segundo Amaral, se conceitua atualmente a precarização como um fenômeno social, generalizado nos países centrais e periféricos. Contudo, sua intensidade, necessidades e formas de existência são derivadas da necessidade de recomposição da hegemonia das classes dominantes, as que buscam atualizar suas formas de domínio para atender à nova fase de acumulação ou mais conhecida como acumulação flexível. (Amaral, 2018).

Entende-se que a precarização é voltada ao que desvaloriza a força de trabalho, que a classe trabalhadora oferece em troca de um salário-mínimo. Vale sublinhar que esta

precarização vai afetar vários eixos do trabalho, desde como será utilizada a força de trabalho do precarizado ao quanto se irá receber para sobreviver no sistema capitalista onde comprovadamente pela DIEESE, em avaliação do Índice do Custo de Vida (ICV), demonstra que o Salário Mínimo Necessário (SNM) é triplicado para que o trabalhador pudesse sobreviver bem, mas que isso é uma realidade longe desta categoria que é superexplorada pelos capitalistas que só visam lucros, em menos tempos, e com menos custos.

O trabalho precário tem inúmeras características e é caracterizado por algumas condições. Condições estas que mostram a multidimensionalidade da precarização do trabalho.

De acordo com a OIT (2011), o trabalho precário é caracterizado por algumas condições: a) contrato de trabalho: quando ele tem duração limitada (temporário, sazonal, diário, intermitente e casual); b) relação de trabalho: quando se constituem relações triangulares e disfarçadas – caso do falso autônomo, da subcontratação, dos contratos por agência e pelas empresas-plataforma; c) condições de trabalho: salário baixo, ausência de proteção contra demissão, falta de acesso aos benefícios do emprego formal e falta ou acesso limitado ao exercício dos direitos no trabalho. (Cardoso; 2022, p. 3)

Essa problemática é derivada a partir do surgimento do capitalismo, isso pode ser observado desde o período da revolução industrial, no entanto, com os novos moldes de reestruturação do capital e seus processos de globalização, isso mudou vertiginosamente.

Em seu lugar, emerge um conjunto multifacetado de empregos flexíveis, vinculados majoritariamente a uma condição de intensa precarização: a Ampliação da força de trabalho das mulheres e dos imigrantes, o crescimento de práticas ilegais e a inserção de trabalhadores com baixa qualificação são ilustrativos dessa condição vê da funcionalidade nessa fase de acumulação capitalista. (Amaral, 2018, p. 246).

3 UBERIZAÇÃO COMO PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

A Uberização é uma forma de exploração do trabalho, através dos recursos tecnológicos no século XXI. Uma problemática intensificada na sociedade recente que visa a “autonomia”, “trabalho flexível” e “liberdade”. A nova estruturação do capitalismo faz da tecnologia um considerável aliado para o êxito na acumulação de riquezas. Sobre isso, Mota e Amaral (1998) relatam:

[...] a marca da reestruturação produtiva no Brasil é a redução de trabalho, o desemprego dos trabalhadores do núcleo organizado da economia e a sua transformação em trabalhadores por conta própria, trabalhadores sem carteira assinada, desempregados abertos, desempregados ocultos por trabalho precário, desalento etc. (Mota; Amaral, 1998, p.35)

Segundo os dados da Uber Newsroom (2023), a Empresa Uber expandiu-se no Brasil em 2014, se instalando primeiramente nas grandes capitais industriais, Rio de Janeiro e São Paulo, e recentemente está com mais de 30 milhões de usuários em mais de 500 cidades do país.

Fontes (2017) evidencia que o termo “Uberizar” surge do forte reflexo causada pela empresa Uber, que apesar de particularizá-la, não é a única que oferece esse trabalho de plataforma. A Uber deu origem ao surgimento do termo Uberização, no entanto, esse termo engloba todos os demais aplicativos que usam as plataformas digitais para prestação de vários tipos de serviços

A plataforma foi criada para locomoção, como por exemplo delivery de mercadorias, apresentando uma forma flexível de gerar renda. Mas a pergunta é: O que o Uber oferece além da flexibilidade de ganhar uma renda em sua total "liberdade" de fazer o seu horário? Existe realmente autonomia? Ou existe um aproveitamento em seguida da superexploração da massa de trabalhadores reservas? É o que será salientado nesta análise a seguir.

A Uber é uma indústria tecnológica não considerada empresa de transporte, ela apenas opera uma plataforma de mobilidade, sendo intermediário entre motoristas e passageiros. A Uber tão pouco é considerada como uma empresa que assegura para quem dela está utilizando, o seu objetivo não é remunerar o empregador, e muito menos lhe dá direitos trabalhistas, não se responsabiliza por nada e deixa claro em seu regimento. Claramente existem requisitos para que sejam aceitos a essa rede coletiva de serviços, ficando claro que o processo do empregador é com a plataforma, tornando os vínculos trabalhistas frágeis.

Para conceituar o que é a uberização, alguns autores refletem que:

[...] Resultando das formas contemporâneas de eliminação de direitos, transferência de riscos e custos para os trabalhadores e novos arranjos produtivos, ela em alguma medida sintetiza processos em curso há décadas, ao mesmo tempo em que se apresenta como tendência para o futuro do trabalho. O tema ganha visibilidade com a formação de enormes contingentes de trabalhadores controlados por empresas que operam por meio de plataformas digitais. (Abílio, et al. p. 27, 2021).

Atualmente ocorre uma escravidão digital, onde o trabalho no século XXI passa a ser caracterizado pelo uso dos aparelhos eletrônicos, a uberização em questão, nome dado a plataforma que oferece serviço de mobilidade, trata suas relações de trabalho de forma cada vez mais individualizada e inviabilizada, sendo a exploração laboral característica do capitalismo de plataforma. Essa inserção dessas tecnologias da informação e comunicação (TIC) abrem as

portas para ampliação dos aplicativos, para que eles se desenvolvam fazendo com que haja o crescimento exponencial do infoproletariado ou ciberproletariado (Antunes & Braga, 2009).

A uberização é um processo no qual as relações de trabalho são crescentemente individualizadas e invisibilizadas, assumindo, assim, a aparência de “prestação de serviços” e obliterando as relações de assalariamento e de exploração do trabalho. (Antunes R., 2020)

Expressão como “capitalismo flexível” é termo bastante utilizado atualmente para colocar ao trabalhador que sejam ágeis e abertos a mudanças, que assumam riscos, dependendo cada vez menos de legislações. O trabalho assalariado regido pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) está sendo trocado pela prestação de serviço, ocorrendo uma crescente desregulamentação do mundo laboral, isso vem sendo colocado como empreendedorismo, usando termos como empregabilidade, isso são estratégias colocadas para que assim ocorra a exploração capitalista (Silva, 2002)

Portanto, essa nova configuração nas relações da atual conjuntura do capitalismo financeiro não dá vida a um trabalho digno a classe, mas, superexplora, ludibria aqueles que estão ociosos e buscam estabilidade financeira, uma “liberdade” de fazer o seu horário, que por trás coloca em risco o indivíduo, seus bens, seus direitos. Antunes em suas discussões diz que quanto mais expande essa nova maneira de trabalho flexível, menos se tem seguros a classe trabalhadora.

Essas novas formas de trabalho vivido no século XXI pelo trabalhador da atualidade é capaz de semear modelos diferentes de pagamento, flexibilização funcional ou organizacional, tudo isso foi impulsionado pelos fortes avanços do liberalismo e pela reestruturação produtiva do capitalismo. (Antunes, 2008).

A exploração da classe trabalhadora é estrutural, e vem desde a industrialização do país, quando os operários coletivamente uniram forças para buscar seus direitos. Nos dias atuais percebemos uma alusão a esse período, visto que, muitos trabalhadores estão sendo substituídos pelas novas tecnologias, porém, com a alienação da categoria incidindo no não reconhecimento da classe, interferindo nos conflitos de classe, nas formas de organização e resistência política. A prestação de serviços subordinados por meio das plataformas digitais torna-se uma fonte imediata para os trabalhos intermitentes do atual sistema.

4 CONCLUSÃO

O estudo do sistema capitalista, seu percurso histórico se faz extremamente importante para entendermos todo o contexto de precarização do trabalho pós-moderno, compreender o trabalho na sua forma primária e na extensão do sistema capitalista é necessário e fundamental.

O objetivo principal desse estudo foi analisar o sistema capitalista, a categoria trabalho e suas fragmentações em todo o seu percurso e como o processo de desenvolvimento do sistema capitalista, refletiu para que o trabalho passasse a ter uma nova essência, e como essa relação do capital x trabalho reverberou na atualidade para novas expressões da questão social.

O trabalho precarizado na era digital é resultado da reestruturação produtiva que vislumbra a mais-valia, desse modo, torna o trabalhador sem direito e desamparado não entendendo o real valor da sua força de trabalho. A problemática se estende ainda mais, porque é pregado pelo novo sistema uma “flexibilidade”, “autonomia” e “liberdade” um trabalhador flexível e empreendedor, tornando-os alienados ao sistema.

Portanto, toda essa flexibilidade que é adotada pelo capital, essa nova forma de organização do sistema, traz com ela novas expressões da questão social, outras vão se metamorfoseando e novas vão surgindo. A uberização é umas das expressões latentes da atual massa que busca sobreviver nesse sistema onde o capital busca de forma incessante uma hegemonia.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A.S., “**Precarização Estrutural e Exploração da força de trabalho tendências contemporâneas**”, Argum, Vitória, v.10, n. 3, p. 244-256, set./dez. 2018.

ANTUNES, Ricardo & BRAGA, Ruy (orgs). 2009. **Infoproletários: degradação real do trabalho virtual**. São Paulo: Boitempo.

ANTUNES, R. “**Desenhando a nova morfologia do trabalho: as múltiplas formas de degradação do trabalho**”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, v. 1, n. 83, p. 19-34, dez. 2008. DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.431>. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/431>.

ANTUNES, Ricardo. “**Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**”. In: “**UBERIZAÇÃO, trabalho digital e indústria 4.0**”. Rio de Janeiro: Boitempo, 2020. v. 1.

CARDOSO, A.C.M., “**Precarização do trabalho, Políticas Públicas e Ação Coletiva**”; Friedrich-Ebert-Stiftung - Precarização do trabalho, dez. 2022.

FONTES, Virgínia. **Capitalismo em tempos de Uberização**: do emprego ao trabalho. In: Marx e o Marxismo v.5, n.8, jan/jun/2017.

LUKÁCS. G. Lukács, “**As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem**”, in Temas de Ciências Humanas, São Paulo, Ed. Ciências Humanas, n. 4, 1978,

MARX, Karl. (1867). **O Capital**: Crítica da Economia Política. Vol I, T 1, São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Coleção os Economistas)

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Os Pensadores).

MARX, Karl. (1971) **O Capital**, Vol. 1/1, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro. _____ . (2004) **Manuscritos Econômico-Filosóficos**, Boitempo Editorial, São Paulo, 2004.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. São Paulo, Abril Cultural, 1985.

MARX, K. & ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Cortez, 1998.

MOTA, Ana Elizabete. AMARAL, Angela S. do. **Reestruturação do capital, fragmentação do trabalho e serviço social**. In: MOTA, Ana Elizabete (org.) A nova fábrica de consensos. São Paulo, Cortez, 1998.

NETTO, J. P. & BRAZ, M. **Economia política**: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2006. cap. 3 e 4, p. 78-123. Disponível em: Acesso em: 09 out 2013.

NETTO, J. P. & BRAZ, M. **Economia política**: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2006. cap. 5, p. 146. Disponível em: Acesso em: 09 out 2013.

NETTO, J. P. & BRAZ, M. **Economia política**: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2006. cap. 1, p. 52-53. Disponível em: Acesso em: 09 out 2013.

SILVA, Luiz Antônio Machado da. 2002. “**Da informalidade à empregabilidade (reorganizando a dominação no mundo do trabalho)**”. Caderno CRH,

OLIVEIRA, Ednéia Alves de. **Superpopulação relativa e “nova questão social”**: um convite às categorias marxianas. Revista Katálysis, Florianópolis v. 13 n. 2 p. 276-283 jul. / dez. 2010

OLIVEIRA, C. A. B. de (1985). **O processo de industrialização**: do capitalismo originário ao atrasado. Campinas. Tese (Doutorado), UNICAMP/IE.

UBER, E.; “**Fatos e Dados sobre a Uber**”, Uber Newsroom, 2023. Disponível em: <<https://www.uber.com/pt-br/Newsroom/fatos-e-dados-sobre-uber/>>. Acesso em: 10 abr. 2024.

LUCE, M.S. “**Brasil**: Nova Classe Média ou novas formas de Superexploração da classe trabalhadora?”. Trab. Edu. Saúde, Rio de Janeiro, v. 11, n.1, p.169-190, jan. /abr. 2013.